

O emprego das estratégias de relativização do inglês acadêmico escrito em função da caracterização semântica do antecedente

Dante Lucchesi¹

Fabrícia Eugênia Gomes de Andrade²

Resumo: Analisa-se a alternância das estratégias de relativização em uma amostra de textos acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento escritos por homens e mulheres falantes nativos de língua inglesa. A análise variacionista de base quantitativa revelou uma estreita correlação entre a estratégia de relativização empregada e o valor semântico do termo ao qual a oração relativa se liga, o que foi explicado com base na teoria semântica do *Princípio da Hierarquia Temática*, em face de sua contraparte sintática: a *Hierarquia da Acessibilidade*. No plano extralinguístico, observou-se também uma correlação entre a escolha da estratégia de relativização e a área do conhecimento e o gênero do autor do texto. Buscou-se, por fim, apontar caminhos para a aplicação desses achados ao ensino de inglês com propósitos específicos.

Palavras-chave: Orações relativas. Análise variacionista. Papéis temáticos. Inglês acadêmico. Ensino com fins específicos.

Esta análise situa-se na interface dos níveis semântico e sintático, ao focalizar o emprego das diferentes estratégias de relativização no inglês acadêmico escrito, considerando precipuamente a natureza do significado do constituinte ao qual a oração relativa se liga na oração matriz. Com o enquadramento metodológico da Sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 2008[1972], 1994, 2001), constituiu-se inicialmente um *corpus* de 15 artigos de periódicos

1 Professor Titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense e Bolsista de Produtividade em Pesquisa, Nível 1B, do CNPq. E-mail: dante.lucchesi@gmail.com.

2 Professora de inglês do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ – e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense, sob a orientação do Prof. Dr. Dante Lucchesi. E-mail: fabriciaeugenia2@gmail.com

científicos de diferentes áreas do conhecimento, dos quais foram extraídas 826 ocorrências de orações relativas, que constituem a base de dados desta análise. Os resultados do processamento quantitativo dos dados, com o emprego do programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005; GUY; ZILLES, 2007), revelaram que o emprego das diferentes estratégias de relativização estava fortemente correlacionado ao valor semântico do constituinte nominal ao qual a oração relativa se liga, o *antecedente*, e a outras variáveis extralinguísticas, como gênero e área do conhecimento – esta última também ligada a aspectos semânticos.

O emprego de uma caracterização semântica mais detalhada do antecedente é uma inovação, já que as análises da variação na forma das orações relativas geralmente se atêm apenas à distinção do traço semântico [+/-humano]. Esse maior detalhamento da caracterização semântica do antecedente possibilitou uma melhor compreensão dos condicionamentos do emprego das diferentes estratégias de relativização no inglês; língua em que o elenco de estratégias de relativização é diferente do que se observa no português. Dessa forma, os achados desta análise podem contribuir para a formação de professores de inglês como língua adicional e para elaboração de materiais didáticos, particularmente para o ensino com propósitos específicos, já que o universo de observação desta análise é uma variedade do inglês fortemente condicionada pelos modelos que regem o uso formal e acadêmico da língua.

O corpo deste artigo se divide em duas seções. Na primeira, é feita uma descrição comparativa das orações relativas no português e no inglês. Na segunda, são apresentados os resultados da análise variacionista de base quantitativa das estratégias de relativização no inglês acadêmico escrito, focalizando precipuamente a correlação com o valor semântico do antecedente. Nas considerações finais deste artigo, são discutidos os resultados da análise quantitativa e são sugeridas possíveis aplicações ao ensino de inglês com propósitos acadêmicos.

As orações relativas no inglês em contraste com o português

As orações relativas (doravante ORs) são orações encaixadas que se ligam a um constituinte nominal da oração matriz, o *antecedente*, especificando sua referência ou acrescentando uma informação suplementar a essa referência, conquanto essa distinção nem sempre seja tão nítida. As ORs *restritivas*, que especificam ou restringem a referência do antecedente, são muito mais frequentes na língua do que as ORs *explicativas* (ou *apositivas*), que apenas acrescentam uma informação à referência do antecedente. Assim, em (1), o predicado *estuda museologia* não se aplica ao gênero rapaz ou a qualquer rapaz, mas a um rapaz específico, cuja referência é definida pela OR restritiva *que eu conheci ontem*. Já em (2), o antecedente *João* é uma entidade de referência definida, portanto a OR explicativa *que é muito tímido* apenas acrescenta uma informação à referência do antecedente. Na cadeia da fala, as ORs explicativas são delimitadas por pequenas pausas, o que é representado normalmente na escrita por meio de vírgulas.

(1) O rapaz *que eu conheci ontem* estuda museologia.³

(2) João, *que é muito tímido*, nunca diria isso.

Em português, a OR é sempre introduzida por uma partícula gramatical, o *relativizador*, que liga o antecedente a uma posição sintática na OR, a *posição de relativização*, estabelecendo uma cadeia de *coindexação*. A posição de relativização pode coincidir, ou não, com a posição sintática do antecedente. Em (1) não há coincidência, pois o antecedente tem a função de sujeito (SU) na oração matriz e está ligado à posição de objeto direto (OD) na OR, como representado em (3). Já em (2), ocorre a coincidência

3 Nos exemplos, a OR virá em itálico, e o antecedente, em negrito.

pois o antecedente é sujeito da oração matriz e está ligado à mesma posição sintática na OR, como representado em (4):

- (3) **O rapaz**_{SU_i} *que*_i *eu conheci* ______{OD_i} *ontem* estuda museologia.
(4) **João**_{SU_i'} *que*_i ______{SU_i} *é muito tímido*, nunca diria isso.

O elenco das estratégias de relativização é diverso no inglês e no português. Nas ORs extraídas das posições não preposicionadas, como SU e OD, já exemplificadas aqui, é frequente, no inglês, o emprego da *wh-word* *who/whom* ou *which*, assim como a ausência de relativizador nas ORs de OD:

- (5) **The guy I met yesterday studies museology.**
(6) **John, who is very shy, would never say that.**
(7) **The book I read last month won this prize.**

Construções análogas não são gramaticais em português:

- (8) ***O rapaz eu conheci ontem estuda museologia.**
(9) ***João, quem é muito tímido, nunca diria isso.**
(10) ***O livro eu li no mês passado ganhou esse prêmio.**

No caso das ORs extraídas de posições preposicionadas, ao lado das relativas com *pied-piping*, as quais correspondem à construção padrão em português – conforme exemplo (11), o inglês também permite as relativas com a preposição *in situ* (*preposition stranding relatives* ‘preposição encaçada’), construção normalmente agramatical em português⁴ – cf. exemplo (12):

- (11) **The guy with whom you danced at the prom was my high school classmate.**
O rapaz com quem você dançou no baile foi meu colega no

4 Com algumas preposições de caráter mais lexical, é possível a formação de ORs com preposição *in situ* em português, como nesta frase: Ele defendeu **uma proposta** na assembleia *que eu fui contra*.

colegial.

(12) The guy you danced with at the prom was my high school classmate.

***O rapaz você dançou com no baile foi meu colega no colegial.**

Embora as ORs com *preposition stranding* sejam correntes na linguagem coloquial dos falantes nativos do inglês, as *pied-piping relatives* são recomendadas pela tradição gramatical inglesa para o uso formal, enquanto as *preposition stranding relatives* são consideradas próprias da linguagem informal.

Por outro lado, o português admite as chamadas relativas cortadoras e relativas resumptivas, que, no geral, são agramaticais em inglês – cf. exemplos (13) e (14). As relativas cortadoras só ocorrem em inglês em ORs extraídas de certas posições adverbiais, como exemplificado em (15). E as relativas resumptivas são muito marginais em inglês, só ocorrendo em contextos sintáticos muito específicos, como o exemplificado em (16).

(13) O rapaz que você dançou no baile foi meu colega no colegial.

***The guy that you danced at the prom was my high school classmate.**

(14) O rapaz que você dançou com ele no baile foi meu colega no colegial.

***The guy that you danced with him at the prom was my high school classmate.**

(15) No ano que eu vivi em Londres, eu trabalhei como garçõnete.

The year I lived in London I worked as a waitress.⁵

(16) João era o tipo de cara que ele agradava todo mundo.

5 Nesses casos, o relativizador costuma ser omitido, embora possa ser realizado: “**The year that I lived in London I worked as a waitress.**”

John was the kind of guy that he pleased everyone.

Em português, a estratégia cortadora é muito usada nas chamadas relativas de genitivo, mas essa construção é agramatical em inglês – conforme exemplo (17). Nessa língua, a construção canônica, apresentada em (18), tem como variante a construção analítica, apresentada em (19).

(17) O aluno que a mãe trabalha no hospital não veio à aula.
***The student that the mother works at the hospital did not come to class.**

(18) The paper presents relevant issues whose importance is not easily recognized.

‘O artigo apresenta questões relevantes, cuja importância não é facilmente reconhecida.’

(19) The paper presents relevant issues, the importance of which is not easily recognized.

Assim, as estratégias de relativização e os tipos de relativizadores empregados na língua inglesa nem sempre coincidem com o que se observa em português. O tipo de OR empregado é, em grande medida, definido pela posição sintática da qual a OR é extraída, como se pode ver na seguinte taxonomia empregada na análise variacionista das estratégias de relativização no inglês acadêmico escrito que aqui se apresenta. *A estratégia básica*⁶ é empregada nas ORs extraídas das posições não preposicionadas de SU e OD, podendo ser introduzida tanto pelos pronomes relativos *who/whom* e *which* quanto pelo relativizador *that*, ou ainda virem sem relativizador, no caso das ORs de OD – conforme exemplos (5) a (7). As

6 Essa denominação tem a ver com a Hierarquia da Acessibilidade, de Keenan e Comrie (1977), que define as posições de SU e OD como as mais acessíveis à relativização, pois essas posições de relativização são mais frequentes e mais comuns nas línguas humanas. Como será dito em mais detalhe adiante, Keenan e Comrie também defendem que, nessas posições mais acessíveis, se emprega uma estratégia de relativização mais *básica*, enquanto outra ou outras estratégias de relativização mais marcadas morfológicamente são empregadas com posições de relativização menos acessíveis.

ORs extraídas de posições adverbiais mais altas, em adjunção à sentença (ou em adjunção à SFLEX, numa terminologia gerativista), são introduzidas pelas palavras interrogativas (ou *wh-words* ‘palavras QU’) *where*, *when*, *how*, *why* – cf. exemplos (20) e (21) a seguir:

(20) **The teacher mentioned the cities** *where there was an industrial growth.*

(21) **We need to consider the months** *when the tourists visit the town.*

Nas ORs extraídas dessas posições também se empregam as estratégias de *pied-piping*, *preposition stranding* e a estratégia cortadora, estratégias que são utilizadas com exclusividade nas ORs extraídas de posições adverbiais mais encaixadas no interior do sintagma verbal, bem como da posição de complemento verbal preposicionado – conforme exemplos (22) a (24):

(22) **The teacher mentioned the cities** *in which there was an industrial growth.*

(23) **In the house** *I was born in there was no heating.*

(24) **These are profound changes** \emptyset *I am sure you will agree with.*

Por fim, as ORs extraídas da posição de adjunto adnominal com o valor de posse, em toda sua amplitude, são introduzidas pelo pronome relativo *whose*, marcado para caso genitivo, como exemplificado em (18), ocorrendo também a variante analítica exemplificada em (19).

Para além da posição de relativização, o emprego de uma determinada estratégia de relativização também está correlacionado ao valor semântico do termo ao qual a OR está ligada.

Os condicionamentos extralinguísticos de emprego das diferentes estratégias de relativização no inglês acadêmico escrito e a sua correlação com a caracterização semântica do antecedente

Empregando-se a metodologia da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 2008[1972], 1994, 2001), foi feita uma análise quantitativa dos condicionamentos do emprego das diferentes estratégias de relativização no inglês acadêmico, com base em uma amostra de 15 artigos científicos de três grandes áreas do conhecimento (ciências humanas, ciências sociais aplicadas e ciências naturais), disponíveis na Internet e escritos por homens e mulheres falantes nativos do inglês. Embora não formem uma variável perfeita, no sentido variacionista, já que as diferentes estratégias de relativização não são livremente intercambiáveis nos mesmos contextos de uso, o emprego dessa metodologia variacionista de base quantitativa (GUY; ZILLES, 2007), com a utilização do programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), nesta análise, que também mobilizou elementos da Teoria Gerativa (CHOMSKY, 1986; 1995) e elementos da teoria semântica dos papéis temáticos (MARANTZ, 1984; BRESNAN; KANERVA, 1989; FRANCHI; CANÇADO, 2003; CANÇADO, 2003; SOARES; MENUZI, 2010), mostrou-se profícuo na identificação dos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o emprego desses mecanismos sintáticos, ampliando o conhecimento do funcionamento da gramática da língua e gerando subsídios para sua aplicação ao ensino.

Com base na taxonomia apresentada na seção anterior, as 826 ORs depreendidas em um levantamento exaustivo na amostra de língua analisada se distribuíram da seguinte maneira, em função das diferentes estratégias de relativização (ERs):

Tabela 1 – As orações relativas por estratégia de relativização

no inglês acadêmico escrito

Estratégia de Relativização	Número de Ocorrências	Frequência
Relativa básica	574	69,5%
Relativa adverbial	136	16,5%
Relativa com pied-piping	76	9,2%
Relativa genitiva	20	2,4%
Relativa cortadora	11	1,3%
Relativa com preposição in situ	9	1,1%
TOTAL	826	100%

Fonte: elaboração própria.

Com quase 70% do total de ocorrências, predominaram as relativas básicas, extraídas das posições de SU e OD. Nesse conjunto, as ORs de SU foram amplamente majoritárias, com 523 das 574 ocorrências dessa ER, ou seja, 91,1% do total, enquanto 50 ORs foram extraídas da posição de OD, ou seja, 8,7% do total.⁷ Esse resultado corrobora o que é postulado por Keenan e Comrie (1977) em sua clássica hipótese da *Hierarquia da Acessibilidade* (doravante HA), segundo a qual as ORs de SU e OD, sobretudo as primeiras, seriam as mais frequentes nas línguas humanas, porque são extraídas de posições sintáticas mais acessíveis, sendo, portanto, de mais fácil processamento. A HA propõe a seguinte escala implicacional da posição de relativização mais acessível para a menos acessível: SU > OD > OI > OBL > GEN.⁸ Assim, as posições mais à esquerda (ou mais altas) seriam mais acessíveis no processamento linguístico das ORs do que as à direita (mais baixas); ou seja, quanto mais à esquerda a posição estiver, mais fácil será a estratégia de relativização e o seu processamento linguístico (COMRIE, 1989).

7 Houve ainda uma ocorrência de OR extraída da posição de predicativo do sujeito: “Some students came to lesbianism through the women’s movement, changing their ‘sexual preference’ in their twenties, thirties, forties, fifties or even later depending on the age *o they were when they first realised it was an option*”.

8 OI corresponde a objeto indireto; OBL a oblíquo, posição sintática que compreende tanto os adjuntos adverbiais mais encaixados no SV quanto certos complementos verbais preposicionados; e GEN, aos adjuntos adverbiais com valor de posse em seu espectro mais amplo, ou seja, o genitivo ou possuidor.

Keenan e Comrie (1977) não consideraram, em sua escala implicacional da acessibilidade, as adjunções adverbiais à sentença, argumentando que o comportamento dessas ORs era muito variável entre as línguas humanas. Na amostra aqui analisada, essas ORs adverbiais foram as mais frequentes depois das relativas básicas, perfazendo 16,5% do total. Assume-se aqui que essas posições adverbiais, que podem figurar à esquerda da sentença – conforme exemplos (25) e (26), colocam-se entre as posições mais acessíveis, logo após a posição de SU e superando, inclusive, a posição de OD, como os resultados desta análise quantitativa o atestam.

(25) Yesterday, I didn't leave home.

(26) In my land, one doesn't eat that.

Entre as demais estratégias empregadas em ORs extraídas de posições preposicionadas, predominaram as relativas com *pied-piping*, com quase 10% do total (9,2%), o que se explica por se tratar de textos muito formais, e essa estratégia de relativização ser preconizada pelas gramáticas normativas. O emprego de suas variantes, cortadora e com preposição *in situ*, foi bem marginal, correspondendo a 1,3% e 1,1% do total, respectivamente. O baixo emprego dessas estratégias, nomeadamente a preposição *in situ*, é explicado porque o seu uso não é abonado pela tradição gramatical em textos formais. Também foram bem marginais as relativas de genitivo, com apenas 2,4% do total, o que ratifica a predição da HA, que coloca essa posição de relativização como a menos acessível (cf. *supra*).

No processamento quantitativo dos dados, as relativas com *pied-piping*, as relativas com preposição *in situ* e as relativas cortadoras foram agrupadas constituindo o fator *relativas preposicionadas*, de modo que a variável dependente desta análise apresentou quatro variantes: *as relativas básicas*, *as relativas adverbiais*, *as relativas genitivas* e *as relativas preposicionadas*. Ao definir cada uma dessas quatro grandes estratégias

de relativização como fator de aplicação em cada rodada, em oposição às demais, o GoldVarb X selecionou praticamente as mesmas variáveis estruturais, na mesma ordem, nas quatro rodadas: (i) *caracterização semântica do antecedente*; (ii) *relativizador*; e (iii) *tipo de oração relativa*. Para além dessas variáveis estruturais, o GoldVarb X selecionou as variáveis extralinguísticas *área do conhecimento* e *gênero do falante* na rodada das relativas adverbiais, mas só a variável *gênero* foi selecionada na rodada das relativas básicas e das relativas de genitivo. Na rodada das relativas preposicionadas, nenhuma variável extralinguística foi selecionada como estatisticamente relevante.

Além do resultado das variáveis extralinguísticas, neste artigo só serão analisados os resultados da variável estrutural *caracterização semântica do antecedente*. Essa variável foi estruturada com os seguintes valores: pessoa; coisa (incluindo animal); lugar; tempo; quantidade; situação (evento, ato, estado, movimento etc.); ideia (conceito, equação, sistema de pensamento, lei etc.); entidade (associação, partido, programa etc.); e modo (incluindo causa, em função do número reduzido de ocorrências); exemplificados, respectivamente, de (27) a (36):⁹

(27) Mothers **who** *Entertain frequently* (use the toy to amuse, distract or stimulate the infant) might discourage or impede the infant from making her own Bids.

As mães **que** *entretêm com frequência* (usam o brinquedo para divertir, distrair ou estimular o bebê) podem desencorajar ou impedir o bebê de fazer suas próprias conexões.

(28) The interactions were video-recorded by a hidden camera,

9 Estes exemplos, ao contrário dos anteriores (que foram criados), fazem parte da base de dados desta análise. Como em muitos se usa uma linguagem técnica, todos foram traduzidos. Nesses, o antecedente vem sublinhado; o relativizador, em negrito; e as ORs, em itálico.

which captured a full-face view of the infant and a profile view of the adult.

As interações foram gravadas em vídeo por uma câmera oculta, a qual capturou uma visão completa do rosto da criança e uma visão de perfil do adulto.

(29) Grants are quite common in Hungary, Poland, Croatia and Russia *where NPOs are important providers.*

Os subsídios são bastante comuns na Hungria, Polônia, Croácia e Rússia, onde os ONGs são fornecedores importantes.

(30) For instance, interest rates at Venice peaked in August, when they approached 20-30% and bottomed out in the spring, at 5%-10%.

Por exemplo, as taxas de juros em Veneza atingiram o pico em agosto, quando se aproximaram de 20-30% e chegaram ao nível mais baixo na primavera, entre 5% -10%.

(31) In the present study, the DHA treatment did not affect the percentage of cells that were CD69 positive.

No presente estudo, o tratamento com DHA não afetou a porcentagem de células que eram CD69 positivas.

(32) As VEGF is largely platelet-bound, it is possible that the increase in serum VEGF is merely a reflection of thrombocytosis and platelet activation which can occur in Cistic Fibrosis.

Como o VEGF é amplamente ligado às plaquetas, é possível que o aumento do VEGF sérico seja meramente um reflexo da trombocitose e da ativação plaquetária as quais podem ocorrer na Fibrose Cística.

(33) Thus, many studies investigating the effect of fish oil on cytokine production may have based their power estimates on those of earlier studies *that were flawed in design*.

Assim, muitos estudos que investigam o efeito do óleo de peixe na produção de citocinas podem ter baseado suas estimativas de poder em estudos anteriores *que apresentavam falhas no design*.

(34) On 26 June 1991, Tim Barnett, executive director of the Stonewall Group (*which campaigns around gay and lesbian issues*), spoke on television on Channel 4's Out programme of the "classic agenda for change".

Em 26 de junho de 1991, Tim Barnett, diretor executivo do Stonewall Group (*que faz campanha em torno de questões gays e lésbicas*), falou na televisão no programa Out do Canal 4 sobre a "agenda clássica para a mudança".

(35) It is thus vital to understand the different ways in which exchange rates were quoted by merchants during the Middle Ages. Portanto, é vital compreender as diferentes maneiras em que as taxas de câmbio eram cotadas pelos comerciantes durante a Idade Média.

(36) Arguably, this is one reason why the Bank of England had to reduce bank rate to a record 0.5% during the credit crunch in an attempt to boost the market.

Indiscutivelmente, essa é uma das razões por que o Banco da Inglaterra teve que reduzir a taxa bancária para um recorde de 0,5% durante a crise de crédito, em uma tentativa de impulsionar o mercado.

Os resultados do cálculo multivariado das quatro rodadas são apresentados na Tabela 2:

Tabela 2 – Resultados de variáveis estruturais e extralinguísticas das principais estratégias de relativização no inglês acadêmico escrito

ANTECEDENTE	Relativa básicas			Relativa adverbial			Relativa preposicionada			Relativa de genitivo		
	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.
Pessoa	150/167	89,8%	.901	01/167	0,6%	.070	04/167	2,4%	.137	12/167	7,2%	.800
coisa (incluindo animal)	32/38	84,2%	.641	01/81	1,2%	.102	05/38	13,2%	.747	05/334	1,5%	.467
lugar	11/50	22,0%	.052	34/50	68,0%	.959	04/50	8,0%	.485	---	---	---10
tempo	01/24	4,2%	.008	17/24	70,8%	.968	06/24	25,0%	.746	---	---	---11
quantidade	25/44	56,8%	.269	---	---	---12	16/44	36,4%	.879	---	---	---13
situação/evento/estado/ato etc.	149/218	68,3%	.459	46/219	21,0%	.744	22/218	10,1%	.543	3/325	0,9%	.360
ideia/conceito/ equação/lei etc.	154/195	79,0%	.538	28/195	14,4%	.650	12/195	6,2%	.487	---	---	---14
entidade/ associação/partido etc.	44/58	75,9%	.515	3/58	5,2%	.385	09/58	15,5%	.717	---	---	---15
modo/causa	08/32	25,0%	.067	06/32	18,8%	.782	18/32	56,2%	.913	---	---	---16
ÁREA DO CONHECIMENTO	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.
Ciências Humanas	---	---	---	39/396	9,8%	.410	---	---	---	---	---	---
Ciências Naturais	---	---	---	41/147	27,9%	.609	---	---	---	---	---	---
Ciências Sociais Aplicadas	---	---	---	56/283	19,8%	.569	---	---	---	---	---	---
GÊNERO DO AUTOR(A)	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.	N/T	Freq.	P.R.
feminino	186/283	65,7%	.420	52/283	18,4%	.603	---	---	---	11/283	3,9%	.664
masculino	186/273	68,1%	.583	50/273	18,3%	.393	---	---	---	2/273	0,7%	.330
TOTAL	574/826	69,5%	.807	136/826	16,5%	.069	96/826	11,6%	.061	20/826	2,4%	.014

Fonte: elaboração própria.

- 10 Em função do baixo número de ocorrências, nessa rodada o fator lugar foi amalgamado com os fatores tempo, modo, causa e situação.
- 11 Em função do baixo número de ocorrências, nessa rodada o fator tempo foi amalgamado com os fatores lugar, modo, causa e situação.
- 12 Em função do baixo número de ocorrências, nessa rodada o fator quantidade foi amalgamado com o fator coisa.
- 13 Em função do baixo número de ocorrências, nessa rodada o fator quantidade foi amalgamado com os fatores entidade, ideia e coisa.
- 14 Em função do baixo número de ocorrências, nessa rodada o fator ideia foi amalgamado com os fatores quantidade, entidade e coisa.
- 15 Em função do baixo número de ocorrências, nessa rodada o fator entidade foi amalgamado com os fatores quantidade, ideia e coisa.
- 16 Em função do baixo número de ocorrências, nessa rodada o fator modo/causa foi amalgamado com os fatores lugar, tempo e situação.

A seleção das variáveis estruturais pelo GoldVarb X revelou que a *natureza semântica do antecedente* é determinante na seleção da estratégia de relativização, havendo também uma correlação subjacente com a(s) posição(ões) de relativização com a(s) qual(is) cada estratégia de relativização é empregada. As relativas básicas são empregadas, sobretudo, quando o antecedente porta o traço semântico [+humano], com a frequência de emprego dessa estratégia de relativização subindo 20 pontos percentuais nesse contexto (de 69,5% para 89,8%) e peso relativo (PR) de .901.17. Essas relativas também são bastante empregadas quando o antecedente se refere a uma coisa ou um objeto, com a frequência de uso subindo de 65,5% para 84,2% (PR de .641). Em contrapartida, o emprego dessa ER cai vertiginosamente quando o antecedente se refere a tempo, lugar, modo ou causa, com frequências e PRs de 4,2% (PR de .008), 22% (PR de .052) e 25% (PR de .067), respectivamente. Os antecedentes que se referem a quantidade também desfavorecem essa ER, com uma intensidade menor: frequência de 56,8% e PR de .269. Já os antecedentes que se referem a uma situação, uma entidade ou a uma ideia se situam próximos à neutralidade em termos de efeito sobre essa ER: os primeiros desfavorecendo ligeiramente (68,3% e PR de .459), os dois últimos favorecendo ligeiramente (75,9% e 79%, com PRs de .515 e .538, respectivamente). Isso se explica porque as posições sintáticas de SU e OD, às quais essa ER se liga, geralmente, se referem a pessoas e coisas, sendo que as pessoas desempenham mais a função de SU, e as coisas, a função de OD. Como predominam as ORs de SU, os antecedentes que se referem a pessoas também foram os mais frequentes.

17 Os pesos relativos resultam de um cálculo estatístico multivariado que mensura a influência de cada fator sobre a variável dependente, ponderando a influência simultânea de todos os demais fatores das outras variáveis independentes selecionadas como estatisticamente significativas. Assim, os pesos relativos têm um valor heurístico maior do que os percentuais, que podem resultar de uma combinação idiossincrática dos dados. Na leitura dos pesos relativos, os valores acima de .500 indicam que o fator favorece a variante em foco, enquanto valores abaixo de .500 desfavorecem-na. Os valores próximos a .500 indicam a neutralidade, o fator não favorece, nem desfavorece o emprego da variante.

Já os constituintes que se referem a situações, entidades e ideias podem tanto figurar como argumentos verbais quanto como adjuntos adverbiais, o que explica a neutralidade desses fatores. Por fim, os constituintes que se referem a tempo, lugar, modo ou causa, e quantidade desempenham normalmente a função de adjunto adverbial, requerendo *a fortiori* uma relativa adverbial, quando são antecedentes. Nesse sentido, as relativas adverbiais são empregadas, majoritariamente, com antecedentes que se referem a tempo e lugar, com a frequência de emprego dessa ER aumentando consideravelmente nesse contexto – de 16,5 % de frequência total, para 70,8%, com o antecedente tempo, e para 68,0% com o antecedente lugar – um incremento de mais de 50 pontos percentuais em ambos os casos (PR de .968 e .959, respectivamente). Essa ER também é favorecida com antecedentes que se referem a situação/evento/estado/ato etc., com frequência de 21,0% e PR de .744, o que pode ser explicado na medida em que esse tipo de antecedente, em geral, conjuga simultaneamente as noções de tempo e lugar.¹⁸ Os antecedentes que se referem a modo/causa favorecem, igualmente, essa ER, com frequência de 18,8% e PR de .782, pois também são associados à função de adjunto adverbial. Com uma intensidade um pouco menor, os antecedentes que se referem a ideia/conceito/equação/lei etc. também favorecem as relativas adverbiais, com frequência de 14,4% e PR de .650, já que esses constituintes tendem a funcionar como adjuntos adverbiais, embora possam funcionar também como argumentos verbais, especialmente como sujeito. Por outro lado, os antecedentes que se referem a entidade/associação/partido, coisa (incluindo animal) e a pessoa desfavorecem fortemente o uso dessa ER, com frequências de 5,2% (PR de .385), 1,2% (PR de .102) e 0,6% (PR de .070), respectivamente, pois esses conteúdos semânticos, especialmente

18 Uma reunião, por exemplo, realiza-se em um lugar X em um momento Y, portanto o antecedente *a reunião*, na sentença “isso foi decidido na reunião em que eu não estava presente”, reúne simultaneamente a noção de tempo e lugar.

pessoa e coisa, estão fortemente associados às funções de sujeito e objeto do verbo, como já se viu com as relativas básicas.

As relativas preposicionadas, que incluem as estratégias cortadora, *pied-pipping* e com a preposição *in situ* , ficaram a cavaleiro entre as relativas básicas e as relativas adverbiais, porque foram favorecidas tanto por antecedentes com conteúdo adverbial quanto por antecedentes com conteúdo semântico normalmente associado à posição de argumento verbal. Por um lado, as relativas preposicionadas foram fortemente associadas a antecedentes com conteúdo semântico de caráter adverbial, como modo/causa, quantidade e tempo, com frequências de 56,2% (PR de .913), 36,4% (PR de .879) e 25% (PR de .746), respectivamente. Por outro lado, essa ER também foi favorecida com antecedente com conteúdo semântico de coisa, que está fortemente ligado à função de complemento verbal. Isso se explica porque as relativas preposicionadas podem se ligar não só à posição de adjunto adverbial, mas também à posição de complemento verbal dentro da OR. Isso também explica o forte desfavorecimento dessa ER junto a antecedentes com o traço semântico [+humano], com frequência de apenas 2,4% e PR de .137, já que esse conteúdo semântico está fortemente associado à posição de sujeito (cf. supra), que é incompatível com essa ER. Na mesma linha de raciocínio, os antecedentes que se referem não só a situação/evento/estado/ato, mas também os que se referem a ideia/conceito/equação/ lei, se situam próximos à neutralidade, os primeiros favorecendo ligeiramente essa ER, com frequência de 10,1% e PR de .543, e os últimos desfavorecendo-a ligeiramente, com frequência de 6,2% e PR de .487, pois esses antecedentes podem se ligar tanto à posição de adjunto adverbial e complemento verbal quanto à posição de sujeito. Só fugiu um pouco a esse parâmetro o fator antecedente que se refere a entidade/ associação/ partido, que favoreceu essa ER, com frequência de 15,5% e PR de .717. Por fim, o fato de os antecedentes que se referem a lugar terem se configurado como um contexto que desfavorece ligeiramente essa ER

(frequência de 08% e PR de .485), ao contrário do que se observou, por exemplo, com os antecedentes com conteúdo semântico de tempo, explica-se em função do alto rendimento funcional da palavra interrogativa *where*, muito maior do que o de *when*, por exemplo.

No caso das relativas de genitivo, destaca-se o seu alto favorecimento junto a antecedentes com traço semântico [+ humano], com um grande incremento na frequência dessa ER junto a esse antecedente, passando de 2,4% para 7,2%, com PR de .800. Como era de esperar, ORs que se estruturam em torno da relação de posse são mais empregadas junto a antecedentes que se referem a pessoas. Em função disso também, os antecedentes com o traço semântico [-humano] desfavoreceram essa ER. Os antecedentes que se referem a coisa/animal desfavoreceram ligeiramente as relativas de genitivo, com frequência de 1,5% e PR de .467, enquanto os demais antecedentes, que foram amalgamados, em função do baixo número de ocorrências (foram apenas 20 ocorrências de relativa de genitivo na amostra), desfavoreceram mais fortemente essa ER, com frequência de 0,9% e PR de .360, pois é ainda mais difícil estabelecer uma relação de posse, mesmo no seu sentido mais amplo, com constituintes que se referem a tempo, modo ou causa, por exemplo.

No plano dos condicionamentos extralinguísticos, a variável *área do conhecimento* foi selecionada como estatisticamente relevante na rodada das relativas adverbiais e revelou que esse tipo de OR é mais empregada nos artigos de *ciências naturais* (com frequência de 27,9% e PR de .609) e de *ciências sociais aplicadas* (com frequência de 19,8% e PR de .609), do que nos de *ciências humanas* (com frequência de 9,8% e PR de .410). Isso pode ser explicado pelo fato de os dois primeiros lidarem mais com dados, quantificações e com fenômenos do mundo físico, o que está mais associado a informações circunstanciais, que demandam mais relativas adverbiais, enquanto os últimos recorrem mais a um discurso argumentativo, com temas mais abstratos, que requerem menos dados circunstanciais.

A variável *gênero* do autor do artigo foi selecionada nas rodadas das relativas básicas, das adverbiais e de genitivo e revelou que os homens empregam mais as relativas básicas (com PR de .583, contra .420 das mulheres), enquanto as mulheres empregam mais as relativas adverbiais (com PR de .603 contra .393 dos homens) e de genitivo (com PR de .664 contra .330 dos homens). As relativas básicas são mais comuns, por serem extraídas de posições mais acessíveis, sendo, portanto, mais típicas do discurso informal, enquanto as relativas adverbiais e com genitivo são mais raras, por serem extraídas de posições menos acessíveis, seriam mais empregadas no discurso formal. Assim, os resultados encontrados aqui vão ao encontro da tendência geral, apontada na tradição das análises sociolinguísticas (CHAMBERS, 1995, p. 102-103), de que as mulheres são mais sensíveis do que os homens às variantes de maior prestígio social, prescritas pela tradição normativa. O fato de as relativas adverbiais e de genitivo serem introduzidas por *wh-words*, formas preconizadas pelas gramáticas normativas inglesas, corrobora essa inferência.

Considerações finais

Utilizando uma metodologia quantitativa, a análise variacionista aqui apresentada revelou uma forte correlação entre o emprego da estratégia de relativização e o valor semântico do termo ao qual a oração relativa se liga, conquanto essa correlação seja mediada pela posição de relativização. Assim, as *relativas básicas*, congregando as ORs de sujeito e objeto direto, são empregadas, sobretudo, com antecedentes que se referem a *seres humanos* e a *coisas*, tendo em vista que as ORs de SU se ligam, predominantemente, a antecedentes com o traço semântico [+humano], que se relaciona ao papel temático de *agente*, predominante nessa posição sintática, enquanto as ORs de OD se ligam mais a antecedentes que se referem a *coisas*, mais relacionados aos papéis temáticos de *tema* ou *paciente*, próprios dessa

posição sintática. Em contraposição, as relativas básicas ocorrem muito pouco com antecedentes que carregam informações circunstanciais como: *tempo*, *lugar*, *modo* e *causa*, que são conteúdos semânticos próprios de posições adverbiais. A esses antecedentes se ligam naturalmente as *relativas adverbiais*, sobretudo com os antecedentes com informação de *tempo*, *lugar*, *modo* e *causa*, ao passo que essas ORs adverbiais quase não se ligam a antecedentes que se referem a *pessoa* e *coisa*. Já as *relativas preposicionadas* ficam em uma posição intermediária, ligando-se não apenas a antecedentes com um conteúdo semântico adverbial, como *modo* e *causa*, *quantidade* e *tempo*, mas também a antecedentes que se referem a *coisas*, pois são extraídas tanto da posição de adjunto adverbial quanto da de complemento verbal preposicionado. Essas relativas só foram desfavorecidas quando o antecedente tinha o traço [+humano], que está mais ligado à posição de sujeito. Por fim, as *relativas de genitivo* foram fortemente favorecidas com antecedentes que se referem a *pessoas*, porque estabelecem uma relação de posse com esses.

Essa correlação entre as ERs e o valor semântico do antecedente pode ser muito profícua para a compreensão dos fatores que regem a variação na forma das ORs, sobretudo se se consideram as implicações sintáticas dos papéis temáticos, particularmente no que concerne ao *Princípio da Hierarquia Temática*, que “estabelece a ligação entre a estrutura semântica e a estrutura sintática” (CANÇADO, 2003, p. 106), pois a hierarquia dos papéis temáticos tem uma série de implicações sobre os constituintes da sentença relativamente à sua posição e função sintática (MARANTZ, 1984; BRESNAN; KANERVA, 1989; SOARES; MENUZI, 2010). Contudo, há um grande desacordo na definição da hierarquia dos papéis temáticos, e um dos poucos consensos que há sobre isso diz respeito à prevalência do papel temático de *agente*, presente em praticamente todas as propostas de hierarquização temática (FRANCHI; CANÇADO, 2003; CANÇADO, 2003, p. 106; SOARES; MENUZI, 2010, p. 28). Essa prevalência do agente

corresponderia à proeminência da posição de sujeito, que ocupa o lugar mais alto entre os argumentos do verbo na estrutura sintática da oração. No plano da diátese verbal, o papel temático de *agente* se define como 'o ente que desencadeia voluntariamente a ação ou processo expresso pelo verbo', tendo 'o controle da sua realização'. Dessa forma, o traço semântico [+animado] e, sobretudo, o traço [+humano] são inerentes ao papel temático de *agente* do sujeito.

Diante disso, os resultados alcançados nesta análise, que correlacionam o emprego das ORs de SU a antecedentes como traço semântico [+humano], possibilitam a ampliação da compreensão do processo de relativização, particularmente no que concerne à predominância das ORs de SU, que são sempre as mais frequentes em todas as línguas humanas, sendo que muitas línguas só permitem a relativização a partir dessa posição sintática (KEENAN; COMRIE, 1977; COMRIE, 1989). Para além da maior facilidade de processamento aduzida por Keenan e Comrie (1977), pode-se acrescentar a prevalência semântica do papel temático de *agente*, próprio da posição sintática de sujeito, com base nos resultados empíricos aqui apresentados. Assim, a prevalência do papel temático de agente não só explicaria a proeminência da posição de sujeito na estrutura sintática da oração, como também a maior frequência das ORs extraídas dessa posição sintática.

Os resultados aqui apresentados também permitem estabelecer uma correlação, mediada no plano semântico, entre a frequência das estratégias de relativização e a área do conhecimento em que se inserem os textos formais. Assim, a frequência de ORs adverbiais, que se ligam a antecedentes que carregam informações de *tempo*, *lugar*, *modo*, *causa* etc., é maior em textos de ciências exatas e naturais, do que em textos de ciências humanas, já que aqueles lidam mais direta e imediatamente com informações circunstanciais e com relações de causa e efeito do que estes. Ainda no plano das determinações extralinguísticas, os resultados dessa análise

revelaram que as mulheres empregam mais estratégias de relativização preconizadas pela tradição normativa e constroem mais ORs de posições mais encaixadas do que os homens, corroborando a visão predominante na tradição das pesquisas sociolinguísticas de que as mulheres são mais sensíveis às variantes de maior prestígio social.

Para além de ampliar o conhecimento acerca das determinações do mecanismo sintático da relativização, as conclusões desta análise podem ter também aplicações profícuas ao ensino do inglês como língua estrangeira, particularmente ao ensino de inglês com fins acadêmicos. No caso específico das orações relativas em inglês, a correlação entre as ERs e o valor semântico do antecedente é pouco abordada nos materiais de referência para o ensino de línguas, e sua compreensão por parte do professor e conseqüente extensão desse conhecimento possibilitam ao aluno realizar escolhas linguísticas mais adequadas ao gênero textual com o qual esteja trabalhando.

A compreensão de um determinado fenômeno linguístico para o profissional que lida diretamente com o ensino de línguas é mais do que a mera transposição desse conhecimento aos alunos – é preciso articular a questão linguística à questão estilística, cultural, social, dentre outras. No caso do ensino de uma língua estrangeira com propósitos específicos, como no caso do inglês acadêmico, a questão linguística deve estar atrelada ao tipo de linguagem específica das diferentes áreas do conhecimento. Com este trabalho, apresentamos a correlação entre diferentes estratégias de relativização e os seus usos em trabalhos acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento. Diante disso, o professor pode orientar o uso da estratégia de relativização na construção dos gêneros textuais acadêmicos escritos (resumos, artigos, monografias etc.) no sentido de torná-los mais adequados ao padrão exigido para publicações internacionais. Além disso, ao trazer a análise linguística de um *corpus* composto por textos autênticos, transpondo as prescrições normativas das gramáticas e materiais didáticos

que são geralmente adotadas no ensino, o professor poderá mostrar ao aluno os dados reais de uso, aumentando, assim, o seu repertório linguístico e contemplando a questão da autenticidade dos materiais didáticos, tão importante no âmbito do ensino de línguas estrangeiras para fins específicos.

Referências

BRESNAN, Joan; KARNEVA, Jonni M. Locative Inversion in Chichewa: A Case Study or Factorization in Grammar. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 1, p. 1-50, 1989.

CANÇADO, Márcia. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MULLER, Ana Lúcia; NEGRÃO, Esmeralda; FOLTRAN, Maria José (orgs.). *Semântica Formal*. São Paulo: Editora Contexto, 2003. p. 95-124.

CHAMBERS, Jack. *Sociolinguistic Theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.

_____. *Knowledge of language: its origin, nature and use*. New York: Praeger, 1986.

COMRIE, Bernard. *Language Universals & Linguistic Typology*. 2 ed. Chicago: The Chicago University Press, 1989.

FRANCHI, Carlos; CANÇADO, Márcia. Reexame da noção de hierarquia temática. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.11, n.2, p.125-153, jul./dez, 2003.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

KEENAN, Edward L.; COMRIE, Bernard. Noun phrase accessibility and universal grammar. *Linguistic Inquiry*, n.8, p.63-99, 1977.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

_____. *Principles of Linguistic Change: Cognitive and Cultural Factors*. Oxford: Wiley Blackwell, 2001.

_____. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Basil Blackwell, 1994.

MARANTZ, Alec P. *On the nature of grammatical relations*. Cambridge (Mass.): The MIT Press, 1984.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto, 2005.

SOARES, Eduardo Correia; MENUZI, Sérgio. Introduzindo e problematizando papéis temáticos e hierarquias temáticas: uma questão de interfaces. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 35, n. 59, p. 13-43, jul.-dez., 2010.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William.; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006[1968].

The employment of relativization strategies in written academic english as a function of the semantic characterization of the antecedent

Abstract: The alternation of relativization strategies is analyzed in a sample of academic texts from different areas of knowledge written by native English-speakers, both man and woman. Quantitative-based variationist analysis revealed a close correlation between the relativization strategy employed and the semantic value of the term to which the relative clause is linked, which was explained based on the semantic theory of the Principle of Thematic Hierarchy, vis-à-vis its syntactic counterpart: the Hierarchy of Accessibility.

On the extralinguistic level, there was also a correlation between the choice of the relativization strategy with the area of knowledge and the gender of the author of the text. Finally, we sought to point out ways to apply these findings to the teaching of English for specific purposes.

Keywords: Relative clauses. Variationist Analysis. Thematic Roles. Academic English. English for Specific Purposes.

Recebido em: 03/11/2021

Aceito em: 18/04/2022